

GAZETA LITERARIA.

Julho de 1761.

I T A L I A.

AS Sciencias, e bellas artes, que os barbaros pertendêraõ sepultar debaixo dos seus triunfos, quando invadiraõ Italia, seriaõ inteiramente desterradas da Europa, se neste Paiz não se fosse cultivando algum genero de literatura devida aos antigos manuscriptos, que nos claustros se conserváraõ illesos. Estas obras, os preciosos restos da Architectura Romana, e alguns fragmentos de Escultura, e Pintura Grega, que existiaõ em Roma, davaõ ainda alguma idêa favoravel da delicadeza Grega, e da grandeza Romana áquelles, que não estavaõ barbarizados, como os guerreiros, que os tinhaõ conquistado: mas amedrontados pelos crueis effeitos da guerra a maior inimiga das bellas artes não passavam de admirar aquellas obras sem investigar os principios, que eleváraõ os antigos á execuçaõ de taõ estimaveis monumentos.

Foi Dante o primeiro, que quiz dar a conhecer, que o melhor meio de imitar a antiguidade era imitar a natureza; mas as suas obras misturadas igualmente de bellezas, e absurdos foraõ mais capazes de dar principio, do que de fazer taõ feliz revoluçaõ no Imperio das letras. Só dahi a hum, ou dous seculos he, que Italia competiu com os antigos pelo muito, que para este effeito trabalhou a familia dos Medicis em Florença, recebendo os sabios Gregos, que fugiraõ de Constantinopla, depois que della se senhoreáraõ os Turcos, e premiando com generosidade verdadeiramente real todos os talentos, que se elevavaõ acima do commum. Aqui he, que principiou o bom gosto, e daqui se communicou á maior parte de Italia, e a muitas partes da Europa. O seculo do Papa Leam X. foi semelhante ao de Augusto; porque

§

de-

depois de produzir homens eminentes foi declinando pouco a pouco, de sorte, que presumindo os literatos mostrar mais a delicadeza do seu gosto, que a grandeza do seu genio, quizeraõ refinalo tanto, que quasi o perdêraõ, ou destruíraõ.

Estribados os Italianos no credito, que lograraõ os grandes homens seus antepassados, e em ser os primeiros, que restauraõ as letras na Europa, imagináraõ, que em todo o tempo podião ser Mestres das naçoens, aquem as communicáraõ, mas promovendo-se em algumas destas os estudos mais efficaçmente, do que na Italia, ficou a sua gloria meia eclipsada á vista das Academias, e Sociedades literarias que em França se egirãram Reinado de Luiz XIV. e que em Inglaterra se tem multiplicado depois do Reinado de Carlos II.

Hoje, dizem algũs modernos, q̃ estaõ os Italianos muito inferiores ás naçoens vizinhas, que ensináraõ no principio da restauração das letras. Em poucos Paizes, diz hum Escriptor Inglez. (*The present state of polite learning. pag. 49.*) ,, há taõ forte paixão pa-
 ,, ra as sciencias, e artes, como em Italia; mas em nenhum se faz
 ,, taõ fracos esforços para as promover. . . Educados toda a vida
 ,, nos Collegios aprendem nelles a discorrer conforme o livro,
 ,, porque estudáraõ, seguindo servilmente o Author da sua Escola,
 ,, e adoptando sõmente aquellãs opinioens, que as suas uiversidades lhes concedem. Por estes meios estaõ elles atraz do
 ,, resto da Europa em muitas materias, que de novo se tem adiantado. Receaõ discorrer por si mesmos, e as suas uiversidades raras vezes admittem opinioens, como verdadeiras até naõ
 ,, estarem recebidas universalmente pelo resto dos homens. Se
 ,, eu houvesse depersonalizar as minhas idêas da literatura Italiana,
 ,, a representaria, ou com os aparentes, e pouco custosos vestidos do Theatro, ou com o feio ornato da barbada filosofia da
 ,, Escola.

Outros poreim ao mesmo tempo, que reconhecem a superioridade de França, e Inglaterra, naõ podem negar, que Italia tem hoje hum grande numero de homens ingenhosos, que se applicaõ ás indagaçoens Filosoficas, e muitos delles ás bellas letras, e que em lugar de estarem atraz do resto da Europa, esta lhe deve naõ só a confirmação, mas a primeira noticia de muitos descobrimentos modernos. Naõ só em Florença, Veneza, Verona,

Bolonha, Roma, e Napoles se conheccm talentos, que podem illustrar a sua patria, mas até na pequena, e pouco consideravel Cidade de Cortona se acha huma quantidade de homens de letras, especialmente de antiquarios.

Se os Galileos já não habitão Italia, há em seu lugar ingenhos, que na Poesia daõ os voos, que se lhes nega na Filosofia. Imitaõ-se, e ás vezes igualaõ-se os Vidas, os Tassos, e o Guarinis, e desprezaõ-se os ingenhosos corruptores da Poesia Italiana. Podemos contar entre os muitos, que nos nossos tempos a illustraõ não só Maffei, e Metastasio, mas tambem Algarotti, Frugoni, Bettinelli, Caprailla, Triveri, Scarfelli, a Senhora Gozzi conhecida pelas suas Tragedias, e as Damas Agnesi em Milam, Bassi em Bolonha, e Andinghelli em Napoles.

V E N E Z A.

Versi sciolti de tre eccellenti moderni Autori con alcune Lettere non più stampate &c. ou *Versos soltos de tres excellentes Poetas modernos com algumas cartas, que ainda se não imprimirão em 4. 1758.*

Estes tres Poetas, que são o Conde Algarotti, o Abbade Frugoni, e o Padre Bettinelli, escrevêraõ quasi no mesmo genero, seguiraõ a mesma medida de verso, e abraçaraõ o mesmo sistema de Poesia. Esta he a razão, porque o Editor os ajuntou na presente collecção, dando-lhes o titulo de excellentes não só por estas producções de seu engenho, mas por outras muitas, que tem merecido o publico applauso. Não obstante a similhança destes tres Poetas, offerecem as suas composições huma certa variedade, que podem excitar o gosto dos leitores; assim como tres Pintores diferentes, que reconhecendo-se ser da mesma Escolla tem seu estudo, e suas graças particulares, dos quaes se pôde dizer com razão: *Facies non omnibus una, nec diversa ramèn.*

Mas antes de tocarmos nas Poesias, fallarêmos primeiramente sobre a Epistola preliminar escripta por hum homem de letras, que se dá a conhecer com o nome de Philomuso Eleutherio,

therio, e sobre as dez cartas, que se suppoem escriptas dos campos Eliseos, e dirigidas á Academia dos Arcades de Roma. Deplora o Author da Epistola os abusos da Poesia Italiana, queixando-se, de que os Authores novos em lugar de contemplar a natureza, e subir á verdadeira origem do bello, se limitaõ a imitar fervitmente os Dantes, e os Petrarcas. Pertende, que saõ principalmente os consoantes, que enganaõ os versificadores principiantes, que lisongeados da simetria dos mesmos sons, fazem consistir neste agrado mecanico a essencia da Poesia, imaginando, que rimar palavras he fazer versos.

Propoem-lhes o Author para os levar ao verdadeiro gosto da Poesia o exemplo destes tres Poetas, que sõ tirãõ do seu proprio genio, e do seio da natureza aquelles rasgos vivos, e sublimes, com que pintaõ os objectos. Os seus versos nada devem á rima, sim á harmonia imitativa, á força das imagens, á elevaçõ dos pensamentos á regularidade do desenho, e á verdade do colorido, e com isto daõ idêa das bellezas essenciaes da Poesia aos Poetas, que principiaõ. O segundo objecto do Author he prevenir o leitor a respeito das cartas de Virgilio aos Arcades, e conjurar a tempestade, que poderiaõ excitar no Imperio Poetico. Devemos confessar, que o objecto destas cartas he bastantemente delicado, porque nellas se procura destruir o culto supersticioso, que se tem dado a Dante, e a Petrarca, e mostrar, que as pertendidas bellezas, que se admiraõ nelles, naõ saõ muitas vezes, senaõ defeitos consagrados pela antiguidade, decorados pelos Commentadores, e enobrecidos pela imitaçõ. Ainda que as criticas sejaõ dulcificadas pelos disfarces, que se occultaõ debaixo do veoda ficçãõ, distinguindo os talentos pessoaes das obras dos Authores, e o que estes devem ao seu genio, do que se deve attribuir á barbaridade do seu seculo; teme com tudo o Author a preoccupaçãõ cega de alguns leitores pouco Filosophos, os quaes costumados a chamar a Dante o Homero de Italia, julgarãõ talvez a sua naçãõ interessada na censura, que se faz deste Poeta, e farãõ intrrometer o zelo patriotico em hũa disputa puramente literaria.

Passemos a dar noticia destas cartas sem tomar partido algũ mais como simples historiadores, do que como Juizes: os Italianos julgarãõ, se as criticas, que as cartas comprehendem em si, saõ taõ solidas, quanto parecem ingenhosas.

Virgilio principia na primeira carta a queixar-se da desordem, que se tem introduzido no Elyseo. Huma multidão de Poetas Italianos de toda a idade, e estado descem de tropel ás felizes habitaçoens para perturbar a paz das sagradas florestas. São estes, versifadores, gloriadores, Poetas só de consoantes, e Authores de cantigas, que apoderados da doença dos Abderitanos correm por huma, e outra parte recitando versos, entoando cantigas, e distribuindo sonetos, e madrigaes. Pertende Pindaro, Tibullo, e os outros antigos Poetas Gregos, e Latinos restituir a paz ao Reino da harmonia, e curar estes tolos illustres, mas sem effeito algum. Chegaõ estes loucos a censurar a Virgilio a ignorancia da lingua Italiana, e até lhe negaõ o titulo de Juiz no seu novo Parnaso. Resolve-se em fim Virgilio a estudar a lingua Italiana; mas que feliz admiração! Acha elle, que a sabe quasi toda inteira; sendo a lingua Italiana quasi a mesma, que fallava o Póvo em Roma, ainda no tempo de Augusto.

Disgostou-se primeiramente o Poeta Latino da medida desigual, e quasi sempre variada dos versos Italianos. Pareceu-lhe a rima hum costume barbaro inventado para supprir a doçura, e Magestade do verso. Mas quanto póde o costume! Não tardou Virgilio a reconciliar-se com a Poesia Italiana, e a gostar dos seus agrados. Principiou Orfeo a tocar Arias Italianas na sua lira, e vendo Homero as suas mais bellas descripções, e as suas pinturas mais vivas metidas em huma oitava rima, como em huma quadro mais nobre, e feliz, imaginou, que era mais grave, e mais harmonico. *Quandoque bonus dormitat Homerus.*

Principiava a paz a renascer nos paizes Poeticos: mas quando os Gregos, e os Latinos quizerão examinar os Poetas modernos, que eraõ, os que mais queriaõ mostrar-se, e aparecer, sentiraõ hum tedio maior, do que, o que lhes tinhaõ feito experimentar no seu tempo os Zoilos, e os Mevios. He possivel, diziaõ estes illustres mortos, que huma lingua tão Poetica, e tão rica nas suas expressoens possa produzir tantos Codros modernos? Huns punhaõ a culpa desta infelicidade ao demasiado numero de Poetas, outros á multidão de Academias, que até se encontraõ nas aldeas, outros em fim á cega imitação dos antigos Poetas Italianos.

Repara Virgilio nesta ultima causa, e cheio de zelo pela honra da sua patria, e pela perfeição da Poesia em prendé desen-

ganar os servis imitadores, e admiradores a apaixonados do Dante, e do Petrarca, e para promulgar melhor a sua sentença dirige-se á Academia dos Arcades, como Legisladores da Poesia Italiana.

„ Vós, que mandais Colonias Poeticas a todas as terras de Italia ;
 „ vós, que até dais o privilegio de Cidadãos aos Cidadãos, e ás
 „ naçoens Estrangeiras, e que nisto vos pareceis com os antigos
 „ Romanos, deve-vos ser agradavel o meu zelo ; pois se não ou-
 „ vires a verdade dita por hũ morto, de quem a podereis ouvir ?
 Havia tempos, que Virgilio tinha dezejo de conhecer o Dante, mas como lhe parecia de humor taciturno, e de hũa lingua pouco intelligivel, não tinha até ali podido ligar amizade particular com elle, Em fim achou o seu livro nas mãos de hum Geometra solitario. Ajunta-se o Senado literario. Toma-se o livro, e le-se logo o titulo : *Le divine Comédie du Dante*. Que he isto ? diz Virgilio. Tinhaõ-me certificado, que era hum Poema Epico : mas continuemos : *Inferno, Purgatorio, Paraiso*; isto sem duvida he hũ tratado scientifico. Admirou-se Virgilio, quando vio, que Dante o tinha tomado a elle por guia na sua jornada. O encontro, que logo tiveraõ de huma loba, e de hum leaõ, pareceo-lhe muito máu agouro. Fazer-me dizer, que meos pais eraõ Lombardos, a mim, que nunca na minha vida pude conhecer a existencia desta nação, parece-me pouca politica, diz o Poeta, e receo muito fazer hum papel ridiculo na companhia do Dante. Não tardou muito, que se verificassem as suspeitas do Poeta. Quando vio, que o Dante tinha feito delle, já hum Dialectico, já hum sequáz do Paganismo, que misturava os misterios mais respeitaveis com as fabulas mais ridiculas, fazendo hum ajuntamento extravagante das idéas de Plataõ, e das imaginaçoens dos Arabes, queixou-se de ser muito mais douto ; e menos sabio, do que era antigamente. Será de mim, diz o Poeta, que o Author Florentino aprendeu a amontuar tantas subtilezas Peripateticas, ficçoens extravagantes, allusoens forçadas, expressoens cinicas, e descripçoens burlescas em assumptos serios ?

Quanto mais Virgilio, e a sua cõmitiva se adiantavaõ na leitura do Poema, tanto mais se embaraçavaõ neste labirinto, ainda que a cada palavra se seguisse huma explicação metida em hum Commentario mais obscuro, do que o texto em hum tomo em folio. Hum Poema em folio, exclamava Horacio, hum Poema

carregado de glosas, de alegorias, e de citaçoens de Calepino não pode deixar de ser obra rara, e divertida. Já Lucrecio bocejava de enfado, e Ovidio ria-se, dizendo, que aquelle cáos era mais confuso, do que o que elle mesmo tinha escripto. Apareceu logo outro embaraço, quando quizêraõ entender os seguintes versos.

*Ra fel mai amech zabi almi, &c.
Di verno la Danoia in Austericch
Com'era quivi, che se Tabernicch
Vi fusse su condotto, o Pietrapana
Non avria pur dall' orlo fatto cricch.*

Homero tinba misturado com felicidade diferentes dialectos, mas confundir, como o Dante diferentes linguas pareceo demasiada licença Poetica. Tal vez, que pelo soccorro dos Commentadores se achassem algumas allusoens misteriosas nestes lugares: mas já a este tempo estava Juvenal clamando com hum tom enfatico.

Vivite lurcones, comedones vivite ventres.

Ricini aurata cica, & oracria mitra.

Quinque hasta aureolo cinetu rorariu' velox.

Moveu-se contra elle todo o congresso. Para que resucitaes, lhe diziaõ, essas antigas, e indigestas obras dos Pacuvios, e dos Lucilios? Pois que? replicou o Poeta Satirico. Se vos fazeis honra ao Dante de dormir com a leitura dos seus versos, não será melhor fazer esta sacrificio aos nossos antepassados do Parnaço? Estes tem tanto direito á nossa veneração, quanta tem os antigos Poetas Italianos á dos seus descendentes. He por ventura a dureza, e obscuridade da sua lingua rençosa? Quero resucitar a sua fama a pezar da dureza da rusticidade, e da obscuridade da sua lingua: farei tantos commentos á roda no frontispicio, e nas margens, que comprehenderá hum grande volume, os lugares mais extravagantes feraõ alegorias, teremos hum Calepino para as palavras antiquadas, e daremos á obra o titulo de Divina &c. Não nos resta mais, que huma seita de Antiquarios, de Lapidarios, e de Academicos, que querem ser Poetas, tendo a alma fria, e insensivel. E a qui temos com este soccorro as edicoens multiplicadas, e os Detractores dos Pacuvios, e dos Ennios tractados, como rebeldes, e impios defamadores da sagrada antiguidade. Continua

Juvenal neste tom ironico, sem ter perdido no Elyseo o seu estylo declamatorio: *Cura nec in ipsa morte relinquunt*. Seriamos demasiadamente difusos, se quizessemos referir todas as invetivas, que faz contra o infeliz Poeta. Conclue elle por fim, pondo o Dante abaixo de Ennio, e de Pacuvio, que ao menos nunca fizerao Poema tam volumoso.

O Sabio Virgilio tempera a critica, distingue os talentos do Autor dos defeitos da obra, e faz justiça ao genio do Dante hum dos mais Poeticos, que a natureza tem produzido. Se este Poeta nascesse, diz elle, em seculo mais polido, teria sido o maior dos Poetas. Só faltou a Dante o bom gosto, e discernimento na Arte. Tinha alma grande, e sublime, o ingenho agudo, e fecundo, a fantasia viva: de que resulta cahir muitas vezes da sua penna versos, e rasgos admiraveis. Mostra Virgilio a Homero a belleza dos versos feitos ao Conde Ugolin. Amigo, diz elle, infelizes de nos, se tudo estivesse escripto por este estylo; porque entao passaria sem duvida a outras mãos o Sceptro Poetico. Repara em outros lugares, e faz admirar já a energia, já a harmonia, e cadencia de alguns versos, em que Dante se excede a si mesmo, e parece esquecer-se da grossaria do seu seculo. Em fim houve no Elyseo hum grande embaraço a respeito do lugar, que haviaõ de dar ao Dante. Confundidos os Gregos de ver, que os Italianos repartiã a sua veneraçã entre Dante, e Homero, não quizerã admittir o Poeta Italiano. Lucrecio, e os Authores de Poemas Filosoficos differã, que para ser admittido devia deixar as suas ficçoens extravagantes. Aristophanes, e Terencio não o quizerã conhecer por companheiro; porque supposto tinha o humor cynico do primeiro, não tinha nem as graças do Poeta Latino, nem a galantaria do Poeta Grego. Estava o Dante no perigo de não achar asilo algum, quando Virgilio propoz hum meio, que conciliou todos os pareceres, e foi o de extrahir do Dante os melhores lugares, e compor com elles huma pequena collecçã de tres, ou quatro canticos verdadeiramente Poeticos, e unilos todos pelo modo possivel. Com este partido consentiraõ todos os Poetas, que se admittisse o Dante na sua sociedade, e gozassem todos do privilegio da immortalidade. Nas cartas seguintes há pouco mais, ou menos a mesma similhança de ficçoens. Analiza-se Petrarca, avaliaõ-se os seus defeitos, e bellezas, e dá-se o lugar com-

petente áquelles Poetas subalternos, que não souberão, senão fazer Petrarca em retalhos nos seus versos, ordenando-se-lhes, que daqui por diante sejaõ as suas obras intituladas *Nova edição de Petrarca*. Nas ultimas cartas conta Virgilio huma jornada, que fez a Roma para ver com seus proprios olhos o estado da literatura Italiana. Epimenides depois de acordado não ficou tão admirado, quanto ficou o Poeta á vista das novidades, que encontrou. O paralelo dos costumes do nosso tempo com os do tempo de Augusto poderá parecer fora de proposito; mas este episodio está escripto tão ingenhosamente, que não faria bem o Author em supprimilo. Acaba Virgilio as suas cartas, dando sentenças pro, e contra os Poetas Italianos, e fazendo hum novo Codigo de Poesia. Entre as suas leis há huma, que não sabemos, se será admittida por todos os homens de letras, e vem a ser, que não se lêa, nem ouça a Poesia Latina, se não para a perfeiçoar a Italiana. Quem pertende ser bom Poeta Latino não sendo Italiano, condemne-se a compor dentro de hum mausoleu, já que escreve para os mortos. *La Poesia Latina si legga, ed intenda assin di perfezionare l' Italiana. Chi pretende di riuscire eccellente Poeta Latino, essendo nato Italiano, condannisi a comporre dentro d'un mausoleo, poiche scrive a imorti.*

Poesias do Conde Algarotti.

Os versos de Algarotti são tão delicados, e harmonicos, que agradaõ igualmente ao juizo, e ao ouvido. Ainda que se mostre por toda a parte hum sectario apaixonado de Newton, não dá o estudo da Fisica, e dos sistemas do Filosofo Inglez á sua Poesia a quella segura, que naturalmente acompanha a Filosofia, antes pelo contrario só serve de a ornar, e enriquecer de novas imagens. Mas ainda que todas as suas Poesias sejaõ igualmente boas, não interessaõ sempre da mesma forte, e algumas enfreqüeceriaõ na traducção. Basta-nos dar a conhecer a Epistola do Author ao Abbade Metafastio. Este Poeta Dramatico, ainda que estimado geralmente em toda a Europa literaria, tem na sua patria emulos, que deprimem os modernos para elevar os antigos, e não elevaõ os antigos, senão para desdenhar dos modernos. Convida o Algarotti a elevar-se acima destas criticas injustas, e o consola com o exemplo de Horacio:

„ Não te mova, diz elle, as asperas declamaçoens de huma lingua envenenada. A flor mais bella, honra dos jardins, e
 „ perança.

perança do anno, que cobre os homens com a sua sombra, e os sustenta com frutos, serve aos mais vis insectos tambem de habitação, e pasto. Entre os Quintilios, Tuccas, e Pifoens teve o Poeta Venosino os seus Pantilios, e os seus Fannios. Mas agora como hum branco cisne maior, do que o tempo, e a inveja abraça com seu voo hum, e outro emiserio.

Mostra logo Algarotti os inconvenientes de huma admiração exclusiva a favor dos Poetas antigos. „ A Hipocrene secou-se por ventura para os Poetas modernos? O Dante, e o Petrarca são acaso os unicos, q̄ subirão ao cume do Parnaso? Nos não podemos sem duvida deixar de tributar honras aos Fundadores de hũa lingua tão bella, como a Italiana: mas por amor disto não havemos de ouvir os brandos versos do Guarini, e a sublime, e nobre trompa do Tasso, nem aquella lira de ouro, que dá vida aos Heroes, e que Pindaro deixou a Chiabrera? Nem vemos ouvir os teus accentos novo Cantor harmonico, que do cume Aonio encantas o Lacio com teus concertos? Havemos de limitar-nos sómente aos nossos mares, e não nos havemos de engolfar pelas aguas de Inglaterra, e França, nem tentar o Oceano Latino, e Grego, donde podemos trazer, como vencedores ás margens Toscanas novos thesouros Poeticos desconhecidos entre nós, e enriquecer a nossa Poesia, e lingua?

O Author para mostrar, que os Pais da Poesia Italiana não devem ser admirados, como modelos perfeitos, funda-se na historia das Artes, e no ordinario modo de caminhar do juizo humano, que não chega ás verdadeiras idéas do bello, senão depois de ter passado successivamente por muitos erros, e defeitos. Por que degraus não tem passado a Poesia antes de chegar ao lugar sublime, em que hoje a vemos? Quasi todas as Artes, particularmente a Poesia tiverão principios grosseiros, e imperfeitos; passou-se mais de hum seculo entre Ennio, e Virgilio. Tem pertendido alguns homens de letras, que as primeiras obras dos Gregos foraõ obras admiraveis, e para isto citaõ o exemplo de Homero, que não teve antes de si modelo algum. Mas he indubitavel, que a Grecia tinha produzido antes de Homero Poetas famosos, que como dizem os Historiadores, compozeraõ Poemas com o nome de Iliada: *Nec dubitari debet, quin fuserint ante Homerum Poeta* diz Cicero no seu Bruto. Seria pois especie de prodigio incrivel, que

a Poesia Italiana tivesse huma fortuna differente das outras nações, e que chegasse á idade madura sem passar pelas fraquezas da meninice.

Faz o Author valer outro discurso, e vem a ser, que a Poesia traz sempre consigo a Pintura, e a Esculptura. He tal a proporção reciproca destas Artes imitativas, que os seculos dos maiores Poetas tem sido sempre os seculos dos maiores Artistas. A grossaria dos Pintores, e Escultores do tempo do Dante, e do Petrarca forma contra a perfeição das suas Poesias hum argumento, que ao menos tem bastante verisimilhança. „ Fracos juizos, seculo ser-
 „ vil, exclama Algarotti? o Dante, e o Petrarca nada deixaraõ aos
 „ genios da sua posteridade. A Arte de Apolo chegou á perfei-
 „ ção logo no seu nascimento, sendo seus progressos taõ lentos?
 „ Foi por ventura perfeita naquelles seculos grosseiros, em que as
 „ Artes, que acompanhaõ a Poesia, estavaõ sepultadas debaixo
 „ das ruinas dos Hunos, e dos Vandalos? O indouto, o exangue,
 „ e o descarnado Cimabue era hũ Apelles naquelle tempo. Ainda
 „ não tinha o duro bronze tomado as brandas formas entre as
 „ maos de Celline: nem Miguel Angelo tinha elevado até o Ceo
 „ aquelle milagre da Arte da Pintura, que se vê no Vaticano.

*Dunque fra noi la lunga arte d' Apollo
 Perfetta surse in rozze etadi, in cui
 L'arti che pur de lei seno sorelle
 Giaceano ancor nell' unnica ruina?
 L'ndotto Cimabue scarno ed esangue.
 Era Apelle aquei giorni. Il duro bronzo
 Fra le mani a Cellin le molli forme
 Non avea preso ancor, nè ancora avea
 Michel-Agnolo al Ciel curvato e spinto
 Il miracol dell' arte in Vaticano.*

Poesias de Frugoni.

Huma imaginação viva, e fecunda, hum raro talento de dizer nobremente as cousas pequenas, e de realçar as mais commuas pela Poesia de estilo, hum tom forte e elevado; hũa grande abundancia de expressoens sonoras, e de versos harmonicosos, são as cousas, que nos parecem caracterizar particularmente as
 Poe-

Poesias do Abbade Frugoni; mas he pena, que a maior parte dos seus assumptos, que são Epitalamios, ou Elogios dos seus amigos, não possaõ interessar, fenaõ as pessoas, aquem elles se dirigem.

Os primeiros versos são dirigidos, ao Conde Bayardi apartado havia muito tempo da sua patria. Nelles se achaõ alguns pensamentos verdadeiramente Filosoficos, que o Author soube revestir com a mais bella Poesia. „ He menor infelicidade „ para a Cidade perder hum arco de triumpho, huma columna carregada de inscripçoens antigas, hum vasto, e immenso theatro, „ que se arruine com duplicados assaltos do tempo, e mostre hum „ vil montão de ruinas, e de fragmentos; do que ver perder, ou „ apartar-se della hum cidadão honrado, e sabio amante do bem „ publico, e que considera a nobreza, como huma van prerogativa, quando similhante á Ave, que se reveste de plumas em- „ prestadas, não mostra á nossa vista, fenaõ ornatos estranhos, e „ alheios da pessoa.

Para confirmar o pensamento cita Frugoni o exemplo da antiga Roma, que apezar das obras admiraveis, que a decoravaõ deve menos a sua reputaçãõ, e fama aos talentos dos Artistas, do que á virtude dos Cidadãos. „ Se Roma, diz elle, encheu com „ o ruido da sua grandeza todas as terras, que o Sol a braça com „ o seu curso, não foi pelos seus Banhos, Templos, e Circos de „ marmore, obras admiraveis, em que a belleza do trabalho disputava com a riqueza da materia: monumentos, que já não „ são, fenaõ hum pouco de pó, ou algumas reliquias informes „ meias consumidas pelo tempo: são os Fabricios, os Camillos, „ os Scipioens, o inflexivel Catam, e tantos outros Heroes, que „ immortalizáraõ na paz, e na guerra a gloria do nome Romano. „ Sem estes grandes homens estaria Roma sepultada nas ruinas „ dos seus vastos edificios, e seria igualmente pouco conhecida „ de nós, e da nossa posteridade.

Em outra Epistola procura o Author consolar ao Senhor Suzani na morte de seu irmão; e para dar hum novo lustre a algumas idéas já bastantemente repizadas, prodigaliza Frugoni imagens sem numero. Tal vez achará o leitor, que nesta obra se mostra mais o Poeta, do q̃ o consolador, e o amigo; defeito, em q̃ já cahiu em França o Poeta Malherbe na consolação, q̃ faz a Mr. du Périer na morte de sua filha. Nestes generos de composições.

Naõ

naõ deve dominar o fogo da imaginaçãõ , mas a sensibilidade do coraçãõ , e naõ se deve usar da Poesia , senãõ para fazer o sentimento mais delicado. Contentar-nos-hemos sãõ com mostrar o principio desta Epistola.

„ Dezejãra o segredo, diz Frugoni, de revogar as tristes sentenças da morte para vos naõ ver hoje coberto de lucto, e o voffo coraçãõ penetrado da magoa mais profunda. Esse querido Irmaõ, que tanto sentis trazido na barca do avaro Caronte, passaria outra vez aquella agua fatal , que se passa sem esperança de tornar a ver a habitaçãõ da luz , e o Imperio dos vivos. Mas Apollo naõ me concedeo o conhecimento daquellas poderosas hervas, e maravilhosos succos , de que se servio seu filho para reanimar os dispersos membros do virtuoso Hipolito. Nem dou muito credito a taes prodigiõs da antiga Grecia.

*Ma nè Febo mi diè conoscer quelle
Erbe potenti, e que potenti sughi
Di che il buon figlio suo sparse le caste
Lacere membra, e richiamolle in vita.
Nè a tai prodigi de le prische Argive
Fole ho gran fede &c.*

Poesias de Bettinelli.

A mesma delicadeza de gosto , e a mesma pureza de lingua, que temos admirado nos dous Poetas precedentes , se faz sentir no terceiro Author desta collecçãõ. Sãõ o que o parece distinguir, he a feliz escolha dos assumptos , que pela maior parte nos interessaõ, ou por si mesmos , ou pela arte , com que sãõ tractados , e he tambem huma critica fina espalhada nos lugares, que a podem receber. Naõ se achaõ nas Poemas deste Author aquellas allegorias usadas sobre o Parnaso, e sobre as Musas, que fazem muitas vezes ter o sentimento de ver applicadas taõ bellas cousas a objectos taõ frivolos. Sãõ seus assumptos o cãmecio , a Tragedia , a Eloquencia, e a Pintura, mas de sorte, que quando louva algum Orador, ou Poeta da sua naçãõ , instrue ingenhosamente o publico , dando ao mesmo tempo liçoens, e elogios. Sãõ descripçoens de Cidades celebres, como Genova, Napoles, e Mantua, da qual he he originario o P. Bettinelli.

A primeira obra , que encontramos , he hum elogio do famoso Pintor Veneziano chamado Tiepolo. Não há cousa mais natural , do que ver a Poesia occupada a elogiar a Pintura. A similhaça, que se encontra entre estas duas artes, humas das quaes se chama Pintura, que falla , e a outra Poesia muda, e o bem, que reciprocamente se faz huma a outra , tem sempre produzido hũa estreita uniaõ entre os grandes Poetas, e os Pintores famosos. O Ariosto fez mençaõ do Ticiano no seu Poema, este Pintor em agradecimento fez o retrato do Ariosto, e consagrou por este monumento a amizade, e similhaça de talentos, que uniaõ estes dous grandes homens. As obras maravilhosas de Apelles foraõ antigamente cantadas pelas Musas Gregas; e se a Poesia mostrou nesta occasiaõ alguma superioridade sobre a Pintura, foi, diz Plinio para lhe dar hum novo esplendor. *Versibus Graecis tali opere, dum laudatur, victo, sed illustrato.*

O Poema mais consideravel do Author he a relaçaõ he hũa jornada a Genova, e a Pintura das bellezas innumeraveis, que offerece á vista esta Cidade soberba. Depois da descripçaõ de hum mau caminho nos pinta o Poeta em bellissimos versos a magnificencia dos Palacios, o bello effeito dos jardins situados nos mesmos tectos das casas, a agradavel situaçaõ dos edificios postos em amphitheatro, as duas ordens de fortificaçoẽs, que rodeaõ a Cidade, a elevaçãõ do Faro, que serve de guia, e governo aos navios, e em fim a vista do Porto, e das Embarcaçoens, que elle comprehende. Os que já viraõ Genova, experimentarãõ hum duplicado gosto; lendo esta descripçaõ, e sentirãõ igualmente os agradados, e averdade della. Mas tudo isto não he, senãõ a entrada do Poema: sabem todos, que a natureza tem dado aos Poetas huma vista mais penetrante, do que ao resto dos homens, e que muitas vezes as maravilhas começaõ para elles, aonde acabaõ para os outr os.

Ao mesmo tempo, que o Poeta se declinava com a agradavel prespectiva, que Genova offerecia á sua vista, a presenta-se-lhe huma figura de estatura mais que humana: estendia hum dos pés sobre a praia, e outro sobre o mar; tinha em huma maõ madeiras odoríferas, uvas, e espigas douradas, e a outra estava occupada com ouro. Sem embargo da sua corpulenta estatura não era feroz a sua presença, antes manifestava a beneficencia. Por estas fei-

coens reconheceo o Poeta a uniaõ commua de todos os póvos, e a origem da opulencia, em fim o Deos do comércio. Continua esta descripção allegorica, cujas partes correspondem em tudo perfeitamente, e entra logo a particularizar as utilidades do comércio, e a representar as da Cidade de Genova. Tudo isto está muito bem escripto, mas como as idéas nada offerecem de novo em hum seculo, em que tanto se tem celebrado o comércio assim em Prosa, como em verso, contentamo-nos de convidar os curiosos da Poesia Toscana a ler esta descripção, que se faz recô-mendavel pela belleza do estilo.

Em outro Poema se acha o paralelo do Taffo, e do Ariosto. Estas sortes de comparaçoens são tão usuaes repizadas em Italia, como as de Corneille, e de Racine em França. Neste Poema usa o Poeta de huma nova idéa, comparando, não os dous Poetas hum com o outro, mas sim cada Poeta em particular com o Heroe do seu Poema.

„ Todo o Poeta, e Pintor se pinta a si mesmo nas suas obras.
 „ Qual foi Goffredo, tal foi o Taffo, que occupado sempre de
 „ estudo, e de trabalhos discorre, provê, e executa tudo sem nun-
 „ ca se desmandar do verdadeiro caminho. Entre a ousadia do
 „ animo, e entre o sangue triunfa tranquillo, e inalteravel de si
 „ mesmo, assim como dos outros. Guiado sempre pela pruden-
 „ cia não emprende cousa alguma, senão com ordem, e regra,
 „ ou tome as armas pela causa mais justa, ou depois de alcançar
 „ a victoria tribute sacrificios ao Tumulo Sagrado, e funde no O-
 „ riente hum novo Imperio.

Da mesma sorte he Ariosto semelhante a Orlando. „ He
 „ certo, que o Ariosto não he sempre sabio; hum louco amor o
 „ sujeita, e lhe inquieta o juizo. Vagando sem se determinar a
 „ algum objecto, desmanda-se, conforme lhe dicta o seu louco
 „ ardor, correndo atraz de objectos indignos da sua grande alma;
 „ mas tornado así, quam admiravel he a sua sabedoria! Quem não
 „ há de admirar aquella nobre ousadia, e segurança heroica, que
 „ triunfa dos obstaculos, e se reduplica no meio dos perigos?
 „ Qual he o lugar, em que não espalhe o terror, quando toma hũ
 „ novo voo, e se mete no meio das aguas? Elevado com o ardor
 „ acima de vos mesmos pela nobreza das suas pinturas sentis, que
 „ hum Deos o inspira, e que o seu genio sublime ignora a esca-

70
” vidaõ das regras vulgares, e o esforço do trabalho.
” Feliz aquelle, que podesse unir os diversos talentos de hũ,
” e outro, e que juntasse ao desenho, e ao trabalho do Tasso a fa-
” cilidade de invençaõ, e o colorido oufado daquelle, que ainda
” delirando alegra.

*Fortunato colui, che in se d'entrambi
I diversi raccor pregi potesse,
E al disegno e alo studio unir del Tasso,
Il crear pronto, il colorire audace
Di lui, che ancora delirando alletta!*

O Author das cartas sobre os Poetas Italianos, de que já fal-
lamos, não louva o Tasso de nunca se desmandar. O episodio de
Olindo, e Sophronia he a feu parecer inutil: os choros de Armi-
da são pueris: a mistura do sagrado, e do profano lhe desagrada,
e dezejava, que se reduzisse a ametade a Jerusaleem libertada de-
pois de lhe castigar o estilo.

Depois de ter caracterizado cada Author em particular, seja-
nos permittido dizer huma palavra de toda a colleccãõ em geral,
Cada naçaõ, e cada lingua tem seu genio, e seu gosto particular.
Se para ter huma verdadeira idéa das obras dos Gregos, e dos La-
tinos nos devemos transportar ao seculo, em que elles viveraõ, e
injetar a nossa imaginaçaõ aos seus costumes, o mesmo devemos
fazer com os Italianos, ainda que o seu estilo não seja taõ concis-
so, e taõ exacto, como o dos Francezes.

F I M.